

ANNO XXXIII N 10-11 OUTUBRO NOVEMBRO 2016

MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares



Delegados 2016

**Estar juntos
pelo mundo**

Etiópia

As primeiras
páginas de um
novo focolar

Camarões e Suécia

Em festa pelos
50 anos
do Movimento

Misericórdia palavra chave

20 de Novembro de 2016: conclui-se o ano jubilar da Misericórdia. Um tempo de graças que nos fez experimentar, ainda mais intensamente, o amor do Pai, que nos reúne sempre, e a alegria quando perdoamos aos nossos irmãos. Para Chiara, a Misericórdia é uma palavra chave, é o vértice do amor. Mais uma vez vamos procurar nos seus escritos, para gravar esta palavra nos nossos corações, para sempre.

«Eu sei: poderás cair. Também eu caio muitas vezes e sempre. Mas quando levanto o meu olhar para Ele, que vejo incapaz de se vingar, porque está preso à cruz por excesso de Amor, deixo-me acariciar pela Sua Infinita Misericórdia e sei que é a única que deve triunfar em mim.

Para que seria Ele infinitamente Misericordioso? Por que motivo? Se não fosse por causa dos nossos pecados?».

De CHIARA LUBICH, Cartas dos primeiros tempos, Cidade Nova, Abrigada, 2011, pág. 54 (1945)

«Jesus tem uma necessidade extrema de utilizar a Sua Misericórdia. Pois bem, contenta-O e sempre que sentires o peso das tuas misérias, dá-lhas. Ele só quer queimar misérias. E é de propósito, porque Ele é Salvador. E tu que podes arranjar-lhe tantas, porque te atormentas? Porque é que, em vez de olhar para a tua alma, não olhas para a Sua sede de consumir, de anular misérias?».

Ibidem pag. 108 (1948)



Florença, 17 de maio de 1986. Chiara Lubich com a Madre Teresa de Calcutá, símbolo de Misericórdia, proclamada santa no dia 4.09.2016

«Houve uma experiência de vida, no primeiro focolar, que foi uma aplicação de "tomar a iniciativa no amor". Nos primeiros tempos não era sempre fácil, para um grupo de jovens, viver a radicalidade do amor. Éramos pessoas como as outras, embora ajudadas por um dom especial de Deus, para começar o Movimento. E também entre nós, no nosso relacionamento, podia surgir uma certa poeira e diminuir a unidade. Isso acontecia, por exemplo, quando reparávamos nos defeitos, nas imperfeições dos outros e os julgávamos. Deste modo, a corrente de amor recíproco arrefecia. Para reagir contra essa situação, decidimos um dia

fazer um pacto entre nós, que chamámos "pacto de misericórdia". Decidimos todas as manhãs, ver o próximo que encontrávamos no focolar, na escola, no trabalho, etc., de o ver de um modo completamente novo, sem nos lembrarmos dos seus pontos escuros, dos seus defeitos, mas cobrindo tudo com o amor. Aproximávamo-nos de cada um com uma amnistia completa no nosso coração, com um perdão universal. Era um compromisso forte, que todas nós, juntas, vivíamos e que nos ajudava a tomar a iniciativa no amor, imitando Deus misericordioso, o qual perdoa e esquece. Pois bem, estamos certos de que, se não tivéssemos feito esse pacto de perdão quotidiano, o Movimento não teria avançado nem de Trento a Rovereto, que fica a meia hora de distância. Em prática, não teria tido a energia necessária para se difundir».

Castel Gandolfo, encontro dos amigos muçulmanos, 1.11.2002

«O pai do filho pródigo devia ter tido muito que fazer: tratava da sua herdade, dos empregados, da família, mas a sua atitude principal era a expectativa. Estava à espera do seu filho, que partira de casa. Subia à torre da sua casa e perscrutava o horizonte...Assim é o Pai do Céu connosco. Imaginem, jovens - se puderem - a sua divina, altíssima e dinâmica vida trinitária, a sua actividade contínua de Criador, de dar um lugar a quem chega

ao Paraíso. No entanto sabem o que faz acima de tudo? Aguarda. Espera. Quem? Nós, eu, vocês, sobretudo se estivermos afastados dele.

Um belo dia aquele filho, que o seu pai tanto amava e por quem esperava, tendo dissipado tudo, regressa a casa. O pai abraça-o, reveste-o com uma túnica preciosa, põe-lhe um anel no dedo e manda matar o vitelo gordo para festejar. O que devemos pensar? Que ele deseja ver o seu filho totalmente novo. Já não quer recordar como era antes. E, não só lhe perdoa, mas quer esquecer até o seu passado. Este é o seu amor por ele, na parábola. Assim é o amor de Deus por nós: perdoa-nos e esquece.[...] Vi recentemente um documentário. [...] Apresentava e examinava os pormenores de um famoso quadro de Rembrandt, que representa o pai do conto evangélico, ao abraçar o filho que regressa. Todos os seus pormenores são esplêndidos. Mas o que mais impressiona são as mãos que o pai apoia nos ombros do filho, ajoelhado à sua frente: uma é uma mão de homem, robusta e pesada e a outra, de mulher, mais delicada, fina. Com isto o pintor quis dizer que o amor do Pai é paterno e materno ao mesmo tempo. É assim que o devemos considerar, também nós».

Ao jovens da catedral de Paderborn (Alemanha), 12.06.1999

Chiara Lubich

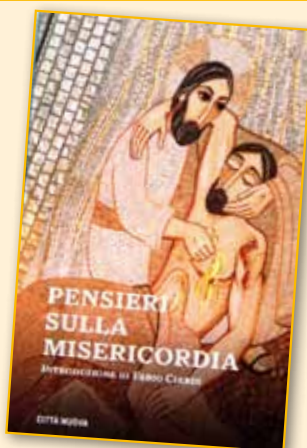
Novidade editorial

Pensamentos sobre a misericórdia

Introdução pelo p. Fabio Ciardi

A credibilidade da Igreja passa pelo caminho do amor misericordioso e compassivo.

Misericórdia. Foi a primeira palavra que o papa Francisco pronunciou quando veio à janela sobre a Praça de São Pedro, para o primeiro *Angelus* dominical. Uma palavra que «muda tudo...muda o mundo».



Através dos pensamentos mais bonitos sobre a misericórdia dos Padres da Igreja, de Santos, Beatos e Pontífices, o livro testemunha a certeza gravada no coração dos cristãos, que origina uma infinita gratidão e esperança: Deus ama-me sempre, apesar de tudo, imensamente. Está ao meu lado, perdoa-me, dá-me a

possibilidade de recomeçar e, depois de eu ter experimentado este amor misericordioso, de ser também eu misericordioso.



Delegados 2016

Juntos pelo mundo

Este ano, foram três os encontros que reuniram, no Centro, os Delegados da Obra nas Zonas, juntamente com os responsáveis das regiões e alguns conselheiros dos centros zona

«Partimos da realidade de Jesus que, no seu abandono, se tornou janela através da qual Deus vê o homem e o homem pode ver Deus. Este encontro foi uma ocasião para viver concretamente esta realidade tão profunda». Começou assim a síntese que a Frederike Köller e o Angel Bartol, delegados centrais do Movimento, fizeram sobre os três encontros dos Delegados da Obra, que se realizaram no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo. «E talvez em todos nós - continuou o Angel - tenha nascido uma nova certeza de que esta Obra, que é uma obra de Deus, avança não tanto por aquilo que cada um de nós faz no lugar onde está, mas por aquilo que Deus realiza, por aquilo que Deus faz, também por nosso intermédio».

Este ano, o encontro dos Delegados das Zonas, juntamente com alguns conselheiros dos centros zona, foi dividido em três encontros. «No primeiro, o que mais se salientou foi uma grande comunhão de alma e também a beleza de sermos família, e de agirmos e de nos relacionarmos como tal - disse a Frederike. No

segundo encontro, vinha mais em evidência a profundidade da relação com Deus, bem como a alegria de testemunhar e de difundir esta vida que provém d' Ele, e a importância de que tudo parte de um corpo, que está unido por um amor mais forte do que a morte. No terceiro, existia muita luz, muita sabedoria, aquela sabedoria que nasce da vida. E eu diria, sobretudo, muita unidade. Unidade na variedade».

E, se no primeiro encontro a Emmaus pôde estar fisicamente presente, o segundo começou precisamente quando ela estava a entrar no bloco operatório, para fazer uma intervenção cirúrgica ao coração. Durante este encontro, assim como no terceiro, todos rezaram e viveram por ela, na certeza de que, como ela própria tinha assegurado, «Somos 'um', mais do que nunca». «Foi uma experiência que nos guiou neste período, e é mesmo real - explicava o



Ángel –. Pudemos experimentar que somos um único corpo, uma só alma, um só coração, no qual o Centro e as Regiões são uma realidade única que abraça o mundo inteiro, pois são expressão daquela unidade profunda que nos une».

O tema sobre o «Génio Eclesial de Chiara Lubich», apresentado pelo co-presidente, o Jesús Morán, foi um dos momentos mais fortes de todos os encontros. «Eu penso que o génio eclesial de Chiara é o génio de todos os grandes fundadores, disse o Jesús».



Até aos últimos confins

«Encontrarmo-nos todos juntos, toda a América e a Oceânia, e ver que os filhos do Carisma de Chiara estão espalhados pelo mundo, vivem e procuram responder às necessidades atuais da Obra, é muito bom. Todos nós ficámos enriquecidos com essa experiência», disse o Eduardo Sobral (Brasil), resumindo o primeiro encontro.

Salientaram-se vários assuntos. Para a Oceânia, foi interessante aprofundar a reforma que o Papa Francisco está a levar a cabo, assim como a inculturação, os caminhos para se aproximarem das populações aborígenes, e ainda ser comunidade viva, para enfrentar os desafios da secularização. Na América do Norte, uma vez que a *nova configuração* já se encontra realizada, procura-se perceber qual deve ser a *estratégia* mais adequada para encarnar, localmente, o carisma da unidade.



A Zona da Oceânia apresenta-se

«Pessoalmente - disse o John Castañon – eu senti que a Emmaus e o Jesús, assim como todos os focolarinos e focolarinas do Centro, têm muita confiança em nós».

Muitas dificuldades, mas também muita vida, foi o que a Emmaus disse que tinha encontrado na América Latina, uma terra cheia de diversidades. «O tema do ano para nós, da Venezuela, foi de muita luz – comentou a Roberta Munegato – por causa da situação que estamos a viver: uma grande crise económica e social, com os elevados índices de delinquência e de violência extrema, que nos tocaram bem de perto, pois dois dos nossos jovens foram assassinados... O Piero Pasolini tinha dito: onde houver mais ódio, violência, horrores, é que Deus está mais presente, porque é Jesus Abandonado».

Foram muito enriquecedores os dias dedicados a Chiaretto (Pe. Foresi) e a Foco (Igino Giordani). «Para poder caminhar, e portanto, sair, pois sair é caminhar, é preciso estar bem situados no “centro da gravidade” – disse o Jesús. O desígnio do Chiaretto ajuda-nos muito bem a encarnar e a “sair” na Igreja... e o desígnio de Foco, a “sair” na humanidade. E o que levamos



ai? Levamos o carisma de Chiara. Este é o nosso “centro de gravidade”».

Sob o sinal da ressurreição

“Gostava muito de vos transmitir, por escrito, uma comunhão de alma, mas... estou sem forças – comunicou a Emmaus, no início do segundo Encontro, poucos dias depois da intervenção cirúrgica -. Posso dizer-vos que, quando me detenho em colóquio com o Esposo, cada vez que Ele vem ter comigo, sinto que vocês estão todos presentes e esta presença não é um peso para transportar, mas uma asa que me ajuda a voar».

No encontro que reuniu os representantes da Ásia, da África e do Médio Oriente, veio muito em evidência o valor da inculturação, no respeito por cada povo. Ressoaram de modo muito forte as palavras de Chiara que via a África como modelo, «à frente dos outros continentes, para lhes indicar, como uma estrela, o caminho para reencontrar os grandes valores que o homem, muitas vezes, perdeu, no mundo». Um focolarino da China afirmou: «Sinto que diante dos africanos tenho que “tirar o chapéu”. Nós temos uma cultura de mais de 3000 anos, mas a lógica de Deus é uma coisa muito diferente. Agora eu vejo-os como um exemplo para nós, para a inculturação». «Deus, através do Carisma, coloca cada povo onde deve estar – continuou um focolarino africano -. Para nós é também uma responsabilidade».

Vários temas foram comuns aos três encontros: a reflexão sobre as comunidades locais, a importância de trabalhar juntos para uma maior incidência do Carisma... «No Burkina

Faso – disse a Aurora de Oliveira - na formação para os jovens provenientes de três países diferentes, reunimos as várias vocações da Obra. Apresentámo-nos assim, unidos, exatamente para oferecer este Carisma a outros Movimentos, a outros Carismas».

Das palavras de saudação da Emmaus, durante o encontro, uma era especialmente dirigida aos países do Médio Oriente: «Esta torrente de vida que nasce do encontro com Jesus num determinado lugar, onde parece que Jesus não



Europa Ocidental, Itália

tem espaço, é justamente a prova do contrário. Haverá ainda confusão, guerra, mortos, mas... é a história que passa. Aquilo que permanece é que Jesus existe, está ali. Por isso, estejam felizes, felizes! Uma gota dessa felicidade vale o mesmo que uma floresta inteira!». «Eu estou na Síria – diz Pascal Bedros– e, apesar da tragédia, o Ideal resplandece cada vez mais, e existem muitas pessoas que o querem viver. Estão todos muito gratos por fazerem parte desta família, que herdou este Carisma, do qual se sentem participantes, na primeira fila».

«Que o encontro com as vossas regiões seja uma grande alegria, com as sociedades que se desenvolvem, interreligiosas e interculturais. São regiões que a Obra quer preferir»– disse o Jesús, na conclusão do segundo encontro.



Com a Zona do Médio Oriente

A grande responsabilidade de uma Europa unida

Foi uma bela coincidência, apesar de eu não acreditar no acaso, que o encontro tenha começado [...] no dia da festa de Santa Teresa – disse a Emmaus, no início do terceiro encontro. É preciso sabedoria para conseguir dar resposta aos problemas que abalam a Europa». E salientou que a conclusão coincidia com a celebração dos 50 anos da chegada do Movimento na Argélia, «onde, com os muçulmanos do Movimento, pre-



Europa Oriental



Europa Central

cisamos de desenvolver o diálogo, que é a base para a resolução de todos os conflitos. Parece-me um sinal de que essa abertura para com as outras partes do mundo faça parte da Europa; o Mediterrâneo é um símbolo disso...».

Este terceiro encontro mostrou um continente muito variado: uma Europa Oriental jovem, terra de diálogo ecuménico e interreligioso; uma Europa Central que faz a ponte entre o Oriente e o Ocidente; uma Europa Ocidental, onde a cultura da unidade parece ser a resposta aos desafios da sociedade; uma Itália - onde devemos trabalhar juntos, na Obra e com outras pessoas - que lança novas potencialidades. «Parece-me que Deus nos pede um passo novo, pela humanidade que bate às nossas portas – disse a Federica Alloisio (Itália) –, que chega às nossas praias, que chora e que espera um amor maior, que só se estivermos juntos podemos dar».

Crianças, adolescentes e jovens foram os temas principais de vários momentos. «A confiança recíproca entre as gerações dá

esperança: serão os jovens que, “no meio do caminho”, irão criar e inventar soluções para vencer os conflitos da nossa querida e velha Europa. Acredito nisso». Esta foi uma das muitas impressões deixadas no *site* do Noticiário Mariápolis, onde diariamente foram publicadas notícias breves, acompanhadas de entrevistas. Manifestavam gratidão por poder «participar ao vivo» nesta «comunhão mundial», «...raios de luz escondidos, mas que sustentam, como o fermento evangélico».

E estando presentes representantes de toda a Europa, dedicámos um dia inteiro a este continente: «Existem tensões, incompreensões, preconceitos de uma e de outra parte desta grande Europa - comentava a Christiane-Marie Goffinet (França) -. Mas eu também diria que

há a força de Jesus Abandonado, que nos chama a mudar a nossa maneira de pensar, a nossa mentalidade para aceitar o outro como ele é, livres de tudo». «Era evidente e forte que, no carisma da unidade, temos o DNA para poder transformar em ‘um’ toda essa multiplicidade», acrescentou o Ettore Coppola (Itália).

‘A Europa e o Islão’ foi um tema muito aprofundado. «Os instrumentos que temos, com o Ideal, são importantes. Contudo, para ir em frente, é preciso um conhecimento mais profundo, é preciso conhecer a sua origem, a sua história, apreciar bem esta cultura».

Deste encontro, surgiu de um modo forte o potencial e a responsabilidade de uma Europa unida. E, mesmo com dificuldades, são muitas as sinergias, tendo em vista ações que envolvam todos os membros da Obra, com o olhar voltado para o «*Ut Omnes*»: aumentar o nosso empenho em «Juntos pela Europa», realizar uma Mariápolis para toda a Europa, dar vida a focolares temporários...

Prontos para voar

Quase descobrimos – tinha dito a Emmaus na conclusão do primeiro encontro – como o Centro é maravilhoso, vendo-o como vocês o vêem! E vocês também descobriram como são maravilhosas as vossas regiões, vendo-as como o Centro as vê». E acrescentou: «Jesus Abandonado não é o tema do ano, mas o Esposo da nossa alma, aquele que Chiara nos apresentou, e em direção a Quem nós voamos, apertando os cintos de segurança. E os cintos de segurança são aquele 'juntos', pois sozinhos

não conseguiremos. Por isso, apertemos os cintos de segurança e voemos como quando viajamos de avião. Mas vamos voar seguros, conduzidos por Ele, que é o piloto do nosso avião, que nos leva para onde Ele quer, pois é lá que Ele nos espera».

*A equipe de comunicação do
Encontro dos Delegados 2016*

Em Mariapoli online

www.focolare.org/notiziariomariapoli
todo o encontro, dia a dia,
também com vídeos breves e fotogallery

Recordando Paulo VI Um vínculo que permanece

Em Brescia, testemunho sobre a relação entre o papa Montini e o Movimento dos Focolares

No dia 23 de setembro, durante a «semana montiniana», Maria Voce foi convidada a apresentar um retrato espiritual de Paulo VI. O motivo do convite foi a significativa ligação que o Movimento dos Focolares teve com este Pontífice, no período delicado e fecundo da sua aprovação. «Que esta sessão nos proporcione um espaço de eclesialidade, de comunhão e de unidade, para sermos testemunhas do amor que Paulo VI nos declarou, convidando-nos a ser atores daquela civilização do amor, da qual todos nós queremos ser parte» – fora o auspício do p. Alfredo Scaratti, pároco da Catedral onde teve lugar o evento.

A comunidade da Obra trabalhou com entusiasmo para este acontecimento, que dava continuidade ao congresso de março passado na Universidade Católica, realizado em colaboração com o Instituto Paulo VI.

O tema proposto por Maria Voce (na sua ausência, foi lido por uma focolarina) sublinhava em Paulo VI a figura do profeta, do apóstolo e do

mediador, três aspectos da sua personalidade e da sua santidade. Com coragem e sabedoria, abriu caminhos novos através do testemunho de pobreza, da valorização do papel da mulher e dos leigos, da abertura ao diálogo, do chamamento universal à santidade. Foi principalmente sublinhada a sua paixão pela Igreja, partilhada por Chiara Lubich, de quem foram lidos alguns textos, em perfeita sintonia com o espírito do grande Pontífice. O promotor do evento, p. Pierantonio Lanzoni, definiu o tema como «um testemunho maravilhoso».

O ator bresciano Luciano Bertoli, leu o discurso que Paulo VI dirigiu aos gen, a 2 de março de 1975. «Reabriu-nos o coração gen no reencontro com um amigo do nosso tempo – disse um dos presentes – tal como o Papa Francisco é o amigo dos jovens de hoje». Alguns dirigentes da comunidade muçulmana, ali presentes, afirmaram ter «descoberto» Paulo VI e desejam aprofundar a sua mensagem.

O evento chamou também a atenção dos media locais (<http://www.focolaritalia.it/2016/09/25/brescia-ricorda-paolo-vi/>).

Rosi Bertolassi

Um novo focolar

Primeiras páginas na Etiópia

Um acolhimento caloroso, benções, festa da comunidade e das autoridades religiosas pela abertura do focolar feminino

Partiram de Nairobi (Quênia) a 5 de agosto de 2016 e chegaram à Etiópia a 29 de julho de 2008... sim, porque este País tem um calendário diferente! Verónica Farias e Adriana Mendes, do Brasil, e Marita Machetta, italiana, são as três focolarinas que chegaram à Etiópia para formar o primeiro Focolar deste País. Partiram no dia da Senhora das Neves: «Maria estava ao nosso lado em cada passo que dávamos: cada etapa importante coincidiu com uma festa Sua, escreve a Marita. Foi um tesouro especial poder participar no nascimento deste novo focolar, que há tantos anos, com a comunidade desta terra, pedíamos ao Eterno Pai».

Quando chegaram, ficaram hospedadas numa comunidade de irmãs, onde se encontra

também uma prima de Legesse, focolarino etíope que está no Uganda. Foram recebidas com a cerimónia do café (*buna*) e com o pão tradicional (*dabo*),

que aqueceram o coração e retemperaram as forças, perante a imprevista baixa temperatura de Adis Abeba, a capital. Nos

primeiros dez dias, visitas e contactos em vários pontos da cidade. «Foi o primeiro e importante impacto com as pessoas que Jesus nos confia. Houve muitos encontros especiais: com o Cardeal, com os Bispos, na Nunciatura; com religiosos e consagradas. Fomos calorosamente recebidas, abençoadas. Recebemos conselhos preciosos;



Da direita: Marita, Dia, Adriana e Veronica

exprimiam alegria por saberem que o Focolar chegou. Muitos foram os momentos de profunda comunhão com pessoas que aqui vivem há muito tempo e que nos transmitiram grande vitalidade, mesmo se os desafios são numerosos». Duas focolarinas começaram a estudar *amarico*, a língua oficial da Etiópia, num ambiente inteiramente ecuménico. Numa entrevista em que procuravam trabalho, um religioso saudou-as assim: «Aqui está o sorriso de Chiara Lubich».

Experimentaram a intervenção de Deus, em muitas pequenas e grandes coisas, incluindo a casa para o focolar que superou todas as expectativas: segurança, proximidade da escola de amarico e da igreja católica... tem até uma pequena capela! «É muito bonito fazer assim tantas experiências do Amor de Deus – diz a Adriana – e ver como a vida é simples quando estamos inteiramente nas Suas mãos».

No final de agosto chegou também uma quarta focolarina: Diana (Dia) Asonganyi, dos Camarões. E trouxe muitas e preciosas prendas! «É na verdade um presente de Deus para mim – diz ela –. Em cada relacionamento experimento a presença de Deus. Estou grata por cada coisa que Ele permite que vivamos. A aventura continua. Juntas vamos conseguir».

a redação

Da Cidadela MafuaNdem Chiara Lubich

Bodas de ouro «reais»

Fontem (Camarões) festeja o 50º aniversário do encontro entre os Focolares e o povo Bangwa.

Viagem de uma delegação do Fon (Reis nativos Bangwa) a Itália para visitar os lugares de Chiara para prestar-lhe homenagem

Passaram 50 anos desde que os primeiros focolarinos chegaram a Fontem, uma aldeia no coração da África ocidental, onde a mortalidade infantil atingia 90%, ameaçando a extinção do povo que lá vivia desde sempre, os Bangwa. O profissionalismo e o espírito de unidade que animava o pequeno grupo, vindo de longe, não só conseguiram resolver o problema sanitário mas, com o tempo, transformaram Fontem numa pequena cidade simbólica, modelo de fraternidade para toda a África. E não só.

Os festejos de tão importante aniversário sucedem-se, englobando as instituições que foram nascendo da feliz parceria entre Bangwa e Focolar: o hospital com 120 camas, nas especialidades de obstetrícia, pediatria, cirurgia, medicina (cura da doença do sono, malária, tuberculose, etc.), com os respetivos laboratórios de diagnóstico e consultórios de



Roma, setembro de 2016. Encontro com o Papa Francisco

© L'Osservatore Romano

especialidades; a escola e residência académica «Our Lady Seat of Wisdom» (Nossa Senhora, Sede da Sabedoria) frequentada por 500 estudantes de todos os anos e níveis, provenientes de várias partes dos Camarões; um centro para alojar grupos e pessoas que pretendam fazer uma experiência de formação comunitária aberta ao diálogo, incluindo o diálogo ecuménico e inter-religioso.

O momento culminante das celebrações está previsto para os dias 14 a 17 de dezembro, com um congresso internacional, espaços de testemunho e novas perspetivas, e, sobretudo, muita festa pelo jubileu desta original cidadela dedicada a Chiara, com o nome que os próprios habitantes lhe deram: MafuaNdem (rainha enviada por Deus). Tudo feito em colaboração com a diocese de Mamfe e a Associação dos Antigos Alunos da Escola residência, muitos dos quais se transferiram com sucesso em diferentes Países.

Neste aniversário tão especial para o povo Bangwa, que coincide com o ano da Misericórdia da Igreja universal, os diferentes Fons da região puderam realizar um sonho que há muito alimentavam: uma visita à sepultura da «mamã Chiara». Assim, em setembro passado, uma delegação de 34 pessoas deslocou-se a Itália: nove Fons e duas Mafuas (rainhas) acompanhadas por alguns dignitários dos

Chegada a Loppiano





Em Trento, Praça dos Capuchinhos

respectivos reinos e por outras personalidades, onde se contavam dois presidentes de câmara.

A visita começou em Roma, com uma audiência geral na Praça de S. Pedro com o Santo Padre o Papa Francisco, visivelmente contente, cumprimentando em particular dois representantes da delegação. «Padre Santo, pedimos-lhe que peça a Chiara Lubich que interceda a favor da paz para o nosso povo, que tanto deve ao Movimento dos Focolares e à sua fundadora». Agradeceram ao Papa «por tudo quanto a Igreja, através dos focolarinos, fez pela nossa gente». Houve depois uma interessante conferência de imprensa com uns quinze jornalistas, que promoveram a difusão dos seus testemunhos através da rádio, TV, agências e jornais diários.

Significativa a visita a Loppiano, que iluminou ainda mais o específico das cidadelas ideais e a atracção exercida pelo testemunho de amor evangélico vivido pelos seus habitantes. «Sinto ainda mais o dever de continuar a dar o ideal da unidade à minha gente», foi o comentário do Fon de Akum (vice-presidente da associação dos Fons amigos do Movimento). O assessor para a cooperação internacional paz-reconciliação da Região Toscana, Massimo Toschi, convidado para a ocasião, recordou a sua primeira visita à

cidadela de Fontem, definindo-a «cidade da Paz».

Seguiu-se a visita a Trento. Foram recebidos pelo presidente da Câmara Alessandro Andreatta, que lhes deu as boas-vindas: «Se Chiara levou Trento ao mundo, nós temos que lhe agradecer também porque hoje, com a vossa visita, traz-nos o mundo a Trento». Seguiram-se encontros com personalidades civis e eclesásticas, com o arcebispo emérito D. Luigi Bressan, com o p. Bonaventura Marinelli ofm, desde a primeira hora próximo do Movimento, e com a comunidade focolarina da cidade, com algumas testemunhas dos primeiros tempos.

E, por fim, o evento mais significativo: a homenagem que a delegação pôde render à sepultura de Chiara. Um momento de «coração a coração» com quem, há 50 anos, não hesitou em responder ao apelo lançado para a sobrevivência do seu povo e que em toda a sua vida nunca os esqueceu. O Fon de Fonjemetaw pôde assim fazer reviver ao grupo e a quantos do centro do Movimento estavam presentes, a última visita de Chiara a Fontem, em 2000, quando ela propôs



Em Rocca di Papa, junto do túmulo de Chiara

ao povo Bangwa celebrar o pacto de se amarem uns aos outros, como Jesus nos ensinou. «É este o testamento de Chiara - precisou o Fon -, uma herança que ela oferece a nós e ao mundo inteiro. Por isso - concluiu - convido-vos hoje a fazer o mesmo entre nós aqui presentes, em nome de toda a humanidade».

Eucharía Ezenwuba, Tim Bazzoli

Suécia

Uma etapa importante

**Os 50 anos da chegada do Ideal à Suécia.
Uma ocasião para agradecer a Deus pelos muitos
frutos que amadureceram**

«Juntos estamos gratos a Deus por quanto nestes anos se realizou com a Sua ajuda; por como o Ideal da unidade construiu pontes no diálogo ecuménico e englobou pessoas de variadas proveniências étnicas e culturais. Isso testemunha que a unidade é possível, para além das diferenças. É uma eloquente



e urgente mensagem para o mundo de hoje, profundamente ferido por tantos conflitos». Com estas palavras da mensagem da Emmaus foram abertas as celebrações do cinquentenário do Movimento dos Focolares na Suécia, a 10 de setembro, com a presença de Maria Verhegge e Henri-Louis Roche, delegados para a Europa ocidental.

Na celebração ecuménica presidida por um sacerdote luterano da Igreja sueca e por um sacerdote católico, encarregado pelo ecumenismo



na Diocese, com leituras, cânticos e orações quisemos agradecer a Deus pelo ideal da unidade, que chegou a este País. O sacerdote católico confiou-nos: «Foi um momento comovedor dar a bênção em conjunto com um pastor luterano. São poucas as ocasiões em que isto se faz. Senti a plenitude da unidade». A celebração concluiu-se de modo solene, com o testamento de Chiara: «Ser família».

Estavam presentes cerca de 200 pessoas, muitas das quais pela primeira vez em contacto com o Movimento. Diversos *stands* ofereciam a oportunidade de aprofundar o conhecimento da Obra e de percorrer a história do seu desenvolvimento na Suécia, através de fotografias e colóquios com aqueles que viveram no focolar em Estocolmo. O que é o focolar, Viver a Palavra, O Movimento no local e no global, Diálogos, Universidade Sophia, Economia de Comunhão, Mundo Jovem, alguns dos aspectos apresentados. Foi animado e muito participado o cantinho das crianças.

Entre as numerosas mensagens recebidas, significativa foi a de Lella Sebesti, a primeira focolarina a levar o Ideal da unidade ao nosso País: «Juntos vivemos alegrias e dores, mas sempre vimos que era Deus que agia. Estamos gratos convosco por estes 50 anos de vida de reino dos céus na Terra, de transformação da nossa vida. Mas agora devemos sobretudo



Em Tagaytay

Uma riqueza para a Ásia

Dois focolarinos foram ordenados sacerdotes, no clima de festa pelos cinquenta anos da chegada do Ideal da unidade a Manila, de onde se propagou a todo o continente asiático

sentir-nos impelidos a olhar para o futuro e a ser distribuidores de alegria em toda a Escandinávia... Dentro em pouco, no paraíso, havemos de contar uns aos outros tantas coisas; como até mesmo as nossas fragilidades foram úteis e como Deus se serviu delas para nos tornar misericordiosos». Muito apreciada a mensagem de um outro pioneiro, o p. Eraldo Carpanese. Muitos, entre os quais religiosas e sacerdotes, agradeciam a presença do focolar.

A ceia teve um toque especial: um *buffet* asiático preparado por algumas pessoas da Obra chinesas, vietnamitas e tailandesas.

Deu-nos alegria a presença de representantes de alguns Movimentos católicos: Comunhão e Libertação, Carismáticos, Neocatecumenais, Schönstatt. Um sacerdote comentou: «Só vocês, do focolar, conseguem juntar os outros Movimentos».

Para a ocasião foi publicada uma separata especial de quatro páginas na nossa revista *Enad Värld*, com acenos à história do Movimento no mundo e na Suécia.

«Encorajo-vos portanto a prosseguir com entusiasmo no caminho da espiritualidade de comunhão – que Chiara abriu com o carisma que Deus lhe deu – para que, no nosso tempo, tão influenciado pelo individualismo, cresça o amor entre todos e se multipliquem os sinais visíveis de fraternidade». Estas palavras finais da mensagem da Emmaus deram um novo impulso ao caminho que temos pela frente, para a realização do mundo unido, começando pelos nossos Países nórdicos..

As focolarinas e os focolarinos de Estocolmo



Chiu Boc Tay (à esq) e Froi Fajardo

Este ano, todo o continente asiático está a celebrar o 50º aniversário da chegada de Guido Mirti (Cengia) e de Giovanna Vernuccio (Gio), que deram vida, em fevereiro de 1966, juntamente com alguns focolarinos e focolarinas, aos primeiros dois focolares da Ásia, em Manila, nas Filipinas. Dali, no espaço de poucos anos, a Obra de Maria chegou a quase todos os Países deste vasto continente e à Austrália.

Neste contexto de festa e de alegria, a 3 de setembro realizou-se, na Mariápolis Paz de Tagaytay (Filipinas), a ordenação sacerdotal de dois focolarinos asiáticos, Chun BocTay e Froi Fajardo.

Chun, que nasceu na China e se transferiu para as Filipinas com 12 anos de idade, não tinha nenhuma fé religiosa. Encontrou o Ideal da unidade em 1969, quando frequentava a universidade, através de um seu professor focolarino, Silvio Daneo. Fez parte do primeiríssimo grupo dos gen filipinos. Muitos se lembram dele como um gen sério e empenhado, sempre ao lado do Cengia. Em 1973 sentiu que Jesus o chamava a segui-Lo como focolarino.



Tagaytay, 3 de setembro de 2016. Chun e Froi com os Bispos e os sacerdotes concelebrantes e os monges budistas, que vieram para a ordenação

Disse assim, na ordenação: «Foi um renovar o meu "sim" dito a Jesus quando entrei no focolar, um "sim" a um novo serviço, mas inerente ao nosso chamamento a seguir Jesus como

focolarinos. A preparação foi feita com Jesus no meio, como tudo o resto, graças a toda a Cidadela. Recoloco-me nas mãos de Maria, para que possa viver bem a minha vocação de focolarino e agora também como um seu sacerdote. Assumo como tesouro cada palavra da Emmaus: «que se realize em vós plenamente o ser

"sacerdotes de Maria"...» e do Jesus:«...nós não somos nada fora da conjuntura focolarina».

Froi provém de uma família muito religiosa, abastada, do norte das Filipinas. Conheceu o Movimento através de alguns seus amigos, em 1983. Em 1984 foi a Loppiano para começar, com outros gen de várias partes do mundo, a escola gen permanente da Mariáplolis Renata. No ano seguinte participou no Genfest, trabalhando intensamente na sua preparação. Entretanto, amadureceu nele o chamamento a seguir Jesus como focolarino. Eis como Froi descreve o seu percurso, na ordenação sacerdotal: «Quando dei a minha vida a Deus no focolar, encontrei-me na minha mais plena vocação. Não me falta nada. A solicitação da

Obra de prosseguir para a ordenação deu-me uma grande alegria: posso amar mais, posso servir mais! Foi o Cengia, quando eu estava em Loppiano, que me fez a proposta de estudar Teologia após a Escola de formação. No fim estudei Master em Economia e Administração e depois Teologia!».

Toda a Mariáplolis Paz recebeu de braços abertos os numerosos grupos dos nossos internos e aderentes, provenientes da Tailândia, do Vietname, da Indonésia, de Myanmar, de Singapura, Coreia, Hong Kong e das Filipinas. Estavam presentes também três monges budistas tailandeses. Na cerimónia da ordenação, a 3 de setembro, estiveram três Bispos filipinos do Movimento, cerca de 50 sacerdotes de várias nacionalidades e mais seiscentas pessoas. Estavam muito atentos, os três monges budistas. A sua presença foi significativa. A frase de Chiara escolhida para a ocasião foi: «o sacerdote hoje não pode se não ser um homem de diálogo... construtor da unidade "para que todos sejam um"».

Cecilia Caro, Giuseppe Arsi



Para os focolarinos e as focolarinas Deixar-se surpreender

Em agosto, fez-se pela primeira vez uma escola para focolarinas e focolarinos, e focolarinas e focolarinos casados, a quem está confiada a tarefa-serviço de «ajuda» dos Delegados de Zona para os focolarinos e as focolarinas, juntamente com os «encarregados» para os casados



Na cidadela de Montet (Suíça), de 22 a 31 de agosto, construiu-se, dia após dia, uma escola para a qual foram convidados os focolarinos e as focolarinas que tinham a função de «ajuda» dos Delegados de Zona, para as focolarinas e os focolarinos, juntamente com os encarregados para os focolarinos casados. Desde o início foi-lhes proposto deixar-se surpreender pelo Espírito Santo. E foi mesmo assim. A experiência começou com a saudação a esta escola de Bruno Venturini, gravada pouco antes da sua passagem para a Mariápolis celeste: «Esperamo-lo com imensa alegria». E o telefonema da Palmira Frizzera, uma das primeiras companheiras de Chiara Lubich: «Vocês têm uma graça que

nós não tivemos e será uma graça para o crescimento da Obra». Uma graça que se expressou também na participação de Friederike Koller e Ángel Bartol, delegados centrais, presentes durante toda a escola.

No primeiro dia, festa de Maria Rainha, depois da apresentação dos 107 participantes vindos de todos os continentes, a Emmaus recordou que a 22 de agosto de 1958, exatamente na Suíça, tinha acontecido a consagração dos povos a Maria. Convidou todos a colocarem-se nas Suas mãos «porque - disse - Ela sabe como ajudar-nos a ajudar, ela é a Ajuda principal».

O Papa Francisco tinha aconselhado aos jovens da JMJ, reunidos em Cracóvia (Polónia), a «instalar bem o navegador», assim, o motivo condutor da escola foram as meditações, raiz e fundamento de cada dia, e alguns temas específicos, desenvolvidos gradualmente, com competência e clareza, também pelos nosso peritos. Tudo participado e integrado por testemunhos e pela experiência feita em vários focolares do mundo. Os presentes puderam assim nutrir-se com a sabedoria do Carisma, expresso em formação e acompanhamento.





A Emmaus e o Jesús, através de uma intensa troca de experiências pessoais ou de Zona, respondendo às diversas perguntas, formuladas pelos vários grupos de trabalho, deram indicações e precisações importantes.

A Palavra de vida do mês «Um só é o vosso Mestre e vós sois todos irmãos» (Mt 23,8) guiava o dia. Cada lição, cada comunhão, contribuíram para esclarecer que tudo concorre para a valorização do focolar, como lugar e experiência de santificação. Nesta perspectiva, a figura do que «ajuda» e do «encarregado» veio em evidência na sua verdadeira especificidade, que é só serviço, também porque o fulcro do focolar, o seu verdadeiro construtor é Jesus no meio. É Ele que dá a luz para acompanhar, para perceber o disígnio de Deus sobre cada pessoa, e é sempre Ele o ponto de referência de cada focolarino e focolarina e de todo o focolar.

O serviço do «ajuda/encarregado» pode-se então configurar nesta expressão do Evangelho: «por eles santifico-me a mim mesmo» (Jo 13,19) Veio assim em evidência a importância dos vários instrumentos da espiritualidade coletiva, incluindo a comunhão das experiências sobre a Palavra de vida, que são fundamentais para a vida de unidade.

No programa da Escola foi inserida também a síntese do tema do ano sobre Jesus Abandonado, que a Emmaus tinha feito aos focolarinos que concluem o período de formação em Montet. Não podia haver realidade mais adequada para explicar a nossa santidade e o percurso para quem assume, na Obra, o serviço de «ajuda» e «encarregado».

Teresa Rychwalska, Carlos Saura

Novidade editorial de Città Nuova Trindade e ética

O Padre Amedeo Ferrari publicou o resultado de uma pesquisa de diversos anos, aprofundada e inspirada na visão da moral que brota do carisma da unidade. Fomos procurá-lo e fizemos-lhe algumas perguntas sobre o volume *Trinità ed etica*, Città Nuova, 2016.



1) De que maneira a nossa proposta ética está ligada a uma dimensão pascal?

A ética trinitária brota precisamente do mistério da morte e ressurreição que Jesus viveu e no qual toda a humanidade é recriada como «nova criatura». Para que esta novidade de vida se desenvolva em cada pessoa, e em todo o corpo eclesial e social, é necessário que os crentes vivam no quotidiano a passagem pascal de morte e ressurreição. São três as realidades que tornam isso possível: o amor, que faz passar da morte à vida; o viver a parte ascética e de ressurreição da Palavra de vida; Jesus crucificado ressuscitado, amado em todas as situações pessoais e sociais, de desunidade e dor, que reconstitui a unidade com Deus e com os irmãos.

2) Que papel assume a Regra de ouro num mundo em que o pluralismo cultural está na moda?

Está em curso uma reação positiva ao pluralismo cultural e ético, que procura uma norma sapiencial, que seja universalmente reconhecida e possa iluminar o comportamento de pessoas de raças, culturas e religiões diferentes. A regra de ouro, presente em quase todas as religiões, que Confúcio tinha proposto aos seus seguidores como princípio ético, e que Jesus confirma conter toda a lei e os profetas, parece ser a resposta adequada. A regra de ouro é reconhecida como norma moral natural, válida para todos. A referência constante a ela poderá dar um contributo notável para ultrapassar o pluralismo cultural e ético.

Na Vinea Mea de Loppiano

«Ter o focolar no coração»

Uma escola para concretizar as linhas de orientação que saíram na Assembleia geral e na Assembleia dos sacerdotes focolarinos

«Cheguei a Loppiano com a minha (presumida) identidade de sacerdote focolarino; parti de Loppiano como Obra, que contém realmente a minha identidade de sacerdote focolarino». Esta impressão, escrita por um dos participantes (e outras muito semelhantes se poderiam transcrever) exprime bem a experiência vivida em Loppiano, nos finais de agosto. Uma escola em que participaram 41 sacerdotes focolarinos de 17 Países. Foi a primeira de quatro etapas, em programa até 2019, que sequencialmente irão sublinhar os sete aspectos. O verdadeiro construtor do programa foi Jesus no meio, que edificou a «casa» sobre quatro pilares.

Primeiro. O *Paraíso de '49*. Tema desenvolvido em quatro lições, introduzidas por Sergio Rondinara. Francisco Canzani e Renata Simon, encarregados do aspecto da «Sabedoria e Estudo» (Anil), ofereceram uma recolha de textos (*Luzes sobre o diálogo* e *A Ressurreição de Roma*) para explicar os diálogos. Jesús Morán falou do *génio eclesial de Chiara*. Percebia-se a mesma raiz do *Paraíso*. Uma profunda comunhão, no plenário e nos diferentes focolares, favoreceu o bom acolhimento do tesouro recebido.

Segundo. A ajuda dos responsáveis pelos cinco diálogos. As apresentações forneceram bases para um exercício de diálogo, escuta e partilha. Chiara tinha apresentado o sacerdote como «homem do diálogo», tema que suscitou uma profunda ressonância.

O conjunto de *Paraíso e diálogos* pôs em luz o aspecto do Anil, uma das cores escolhidas para iniciar o aprofundamento. A outra côr, o Violeta (Unidade e meios de comunicação), tratado por Cecília Capuzzi e Paolo Loriga, deu a alma para poder enfrentar os desafios de hoje.

Terceiro. A experiência de estar na *Alma-Obra*, possível no contexto de Loppiano, com a presença do Copresidente e dos responsáveis centrais. A comunhão teve momentos significativos durante o jantar/serão que os focolares sacerdotais partilharam com os focolares de Loppiano, no concerto do Gen Verde e nas Missas na Theotokos. Sameiro Freitas e Marco Bartolomei, responsáveis dos Movimentos Paroquial e Diocesano, mostraram como as paróquias são verdadeiramente Igreja, graças à luz e à encarnação do ideal da unidade. Jesús explicou em profundidade a nossa identidade e vocação. Encorajados também pelos sacerdotes voluntários, identificámos o caminho para aprofundar a nossa vocação à unidade.

Quarto. A vida de focolar. Os espaços da *Vinea Mea* deram uma ajuda. Respirava-se o lema que Chiara deu aos sacerdotes: «*conservar o focolar no coração*». Momentos de descontração, refeições preparadas e comidas juntos, as orações em comum, contribuíram para edificar o «nós» que tínhamos proposto construir juntos.

p. António Bacelar





A oração na Igreja do «Pai nosso», no monte das oliveiras

A Escola Abbà na Terra Santa

Nos lugares de Jesus

Uma experiência significativa em contacto com as chagas da humanidade

capaz de viver plenamente a unidade e, assim, ter uma luz cada vez mais brilhante para o nosso trabalho. A Emmaus deu um sentido específico à nossa viagem: «Ir até a um lugar de fronteira e entrar na chaga da humanidade». A esse respeito, foram importantes os diversos encontros: com o p. Pierbattista Pizzaballa, ofm, ex Guardião e atual Administrador apostólico, que nos introduziu na realidade das Igrejas do Médio Oriente, na situação política e social, nos temas quentes deste mundo em tumulto; com a comunidade

Todos os lugares são lugares do Senhor, mas, quando encarnou, ele escolheu uma terra, a Galileia, com as suas cidades e aldeias: Nazaré, Canã, Cafarnaum, com o lago de Tiberíades e as suas colinas; a Judeia, com Jerusalém, Belém, Jericó. Nomes que aprendemos a conhecer nos Evangelhos e dos quais gostamos, mesmo sem os termos visto. Com a ascensão ao céu, Jesus deixou para sempre a sua terra e já não é preciso ir até lá para O encontrar. No entanto, Ele imprimiu nesses lugares marcas indeléveis, que as invasões, as guerras e a destruição não conseguiram apagar. Juntamente com a «história» existe também uma «geografia» da salvação.

Assim, como Escola Abbà, decidimos fazer uma peregrinação, de 21 a 28 de agosto, aos lugares das nossas origens. O objetivo era crescer na unidade entre nós, de maneira a formar realmente um corpo (a «Alma!»),



Alguns membros da Escola Abbà com o p. P. Pizzaballa (no centro), administrador apostólico de Jerusalém

de Belém; com um pequeno grupo de hebreus em Jerusalém; com a comunidade da Galileia e com pessoas de outros Movimentos, com os quais os membros do Focolar estão em contacto. Foi profundo sobretudo o encontro com as focolarinas e os focolarinos da Terra Santa, com os quais pudemos partilhar a nossa experiência e ler algumas páginas do *Paraíso 'de 49*, que nos tinham guiado naqueles dias.

Com efeito, juntamente com os Evangelhos, tínhamos como guia um livro precioso: A experiência de Chiara Lubich de 1949-50, que iluminou os mistérios de Jesus, ajudando-nos a revivê-los nos lugares onde ocorreram. «Quando liamos juntos os textos do *Paraíso* naqueles locais – disse um de nós – eles ganhavam vida. A anunciação, a encarnação, o nascimento de Jesus, a sua vida privada e pública, a Via Sacra, o abandono, a Ressurreição... já não eram acontecimentos de há 2000 anos, mas uma realidade atual, presente, que Chiara nos explicava a partir de dentro, fazendo-nos entrar, quase fisicamente, dentro daquela experiência. Era como se nos abrissem uma porta que nos fazia penetrar naquelas realidades».

Desde o primeiro dia sentimo-nos recebidos por Nossa Senhora, que nos acompanhou durante todo o tempo, guiando-nos, Ela mesma, pelos passos de Jesus. Tanto em Jerusalém, no lugar do seu túmulo, como em Nazaré, na fonte da Virgem, celebrámos a festa de Maria Assunta com a Igreja ortodoxa – e não o tínhamos previsto.

Alguns momentos permanecerão inesquecíveis, como aquele na Igreja do «Pai nosso», no monte das oliveiras. Terá sido mesmo aquele lugar onde Jesus ensinou os seus discípulos a rezar? Naquele momento, para nós, a historicidade não era importante: cantámos o «Pai nosso» e aconteceu algo de grande. Pronunciando aquela palavra – não é por acaso que nos chamamos a Escola Abbà – percebemos que Jesus

estava ao nosso lado, que nos orientava para o Pai, e, como nunca, sentimo-nos como irmãos e irmãs, uma coisa só. «Experimentei uma união fortíssima com Deus – escreveu uma de nós –, um momento de profunda intimidade com o Pai. Era natural oferecer-me nova e totalmente a Ele, pedir-Lhe muitas coisas, falar com Ele. A sua presença envolvia-me. Não eram precisas mais palavras, só saciar-me d'Ele. Uma dádiva de que me sinto muito grata».

Ficámos quase toda a semana em Jerusalém, onde se cumpriram os grandes mistérios que revivemos: no Cenáculo, na escada que leva ao Cedron, na rocha onde foi colocada a cruz de Jesus, no lugar da sua Ressurreição... Era como se O encontrássemos em cada esquina do caminho, na concretização da sua vida; não um Jesus de há 2000 anos, mas vivo hoje.

No último dia, fomos ao lago de Tiberíades, a Nazaré, ao monte das bem-aventuranças, ao Tabor, quase como se também nós recebêssemos o convite feito pelos anjos depois da Ressurreição: «O Mestre espera-vos na Galileia», ali onde tudo começou. Depois da experiência de Jerusalém, onde revivemos a paixão, morte e Ressurreição de Jesus, foi redescobrir o nosso chamamento, como aquele de Maria na casa de Nazaré, como aquele dos Apóstolos no lago, e decidir novamente seguir-Lo com maior consciência, prontos a ir por onde Ele nos conduz.

p. Fabio Ciardi

Nas margens
do lago de
Tiberíades



Na Mariápolis Ginetta

O paradigma da fraternidade

Um curso de onde surgem novidades culturais como resposta aos desafios do continente latino americano

"Foi uma grande novidade constatar que se pode viver a vida prática e também a intelectual com uma lógica trinitária. Para mim, foi um grande alívio descobrir que a fraternidade é o caminho mais eficaz, mesmo se árduo, para as periferias do mundo atual". "Eu percebi que é preciso rever a fundamentação das nossas convicções, compreender-nos através da visão dos outros: do político, do licenciado, do homem".



São duas das numerosas impressões escritas por jovens no final do "curso de férias", que se realizou na Mariápolis Ginetta (Brasil) de 25 a 31 de julho para propor aos jovens uma novidade cultural: o paradigma da fraternidade aplicado nas ciências sociais, económicas, na cultura, como resposta aos grandes desafios do continente latino americano.

Foi promovido pelo Centro Académico Sophia América Latina e Caribe (Sophia ALC), recentemente constituído, no ano passado. Participaram jovens estudantes universitários e recémgraduados. 60 eram brasileiros e 11 de outros Países (México, Colômbia, Perú, Argentina, Chile, Paraguai).

Ver estes estudantes cheios de vida - muitos deles já a trabalhar em acções que contribuem já para uma mudança profunda nos seus ambientes - sedentos de sabedoria, dá esperança e estimula a desenvolver o projeto (Sophia ALC).

Antes do curso, realizou-se um seminário de dois dias, onde participaram 33 professores de várias disciplinas provenientes de diversas regiões do Brasil e do México, da Colômbia, Bolívia e Argentina.

Tanto o seminário como o curso de férias marcaram um passo em frente no chamado "projeto cultural" da Obra, do qual a Sophia ALC é uma expressão. Este corpo, fortalecido por aproveitar todas as possibilidades de comunhão, é agora uma base segura para um novo passo: aprofundar juntos as questões urgentes do nosso continente, com a consciência de que se abre um caminho onde podem surgir os nossos contributos específicos, para os oferecer aos nossos povos e aos outros continentes.

Conselho da Direção da Sophia ALC



Medicina Diálogo Comunhão

Em Praga, com os jovens do âmbito da biomedicina



Em Praga (República Checa), estudantes e jovens profissionais de vários Países, dos diferentes âmbitos do campo da biomedicina.

Durante a Summer school (escola de verão) "A evolução da biomedicina: fundamentos éticos e profissionalismo", nós navegámos entre a profissionalização, a formação médica, o consenso informado e a ética da investigação. Realizada no centro Mariápolis de Vinor - perto de Praga - do dia 9 a 12 de setembro, teve participantes de várias profissões da saúde (médicos, odontologistas, fisioterapeutas, técnicos, nutricionistas ...) provenientes da Eslováquia, Eslovénia, Hungria, Áustria, Bélgica, Itália.

Os temas, propostos e aprofundados, durante os meses antecedentes ao evento, por uma comissão composta por alguns jovens, foram a matéria que alimentou a escola dos jovens profissionais e estudantes da área da biomedicina, que veio a tornar-se num espaço de formação humana e profissional, também devido às contribuições das diferentes perspectivas culturais, pelas várias experiências e competências

dos participantes, pela possibilidade de diálogo, de partilha e reelaboração com adultos e especialistas, presentes ou conectados à distância. " Foi uma grande experiência, tanto profissional como de vida - comentaram os participantes - uma experiência que dá esperança".

Flavia Caretta



Um consultório de dentista para crianças

Alguns dos participantes na Escola de Verão integraram-se como relatores no grupo de docentes. Entre estes estavam também duas assistentes da clínica dentária onde trabalha a doutora Elizabeth Danner, austríaca: juntas apresentaram um projeto inovador.

Eis aqui um extrato do seu testemunho.

"Trabalho há quase 16 anos como odontologista num consultório de uma estrutura de saúde pública de Graz, na Áustria. Quando estava na carreira de cirurgia de odontologia, com muitas expectativas, percebi que quase ninguém queria tratar as inúmeras crianças que acorriam ao nosso consultório. Isto não só porque as crianças necessitam de mais tempo, mas sobretudo porque mais de 70% delas vinham de 28 Nações diferentes, das quais 21 eram extra europeias e com

vivências muitas vezes em condições económicas precárias, sem um conhecimento suficiente do alemão. Assim, muitas vezes eram encaminhadas para os hospitais, para que fossem tratadas com anestesia geral.

Senti que era importante que eu as assumisse de um modo especial, mas, quando quis criar um consultório próprio para crianças, deparei-me

logo com várias dificuldades administrativas e de organização. Não me rendi e, graças também à colaboração dos meus assistentes, em poucos anos e usando meios simples e baratos, conseguimos desenvolver um novo sistema para as ajudar. O método, a que chamamos "PDAC - Personalized Dental Approaches in Children" (tratamento dentário personalizado para crianças): permite-nos tratá-las sem ter que enviar tantas crianças para o hospital. Conseguimos apresentar este método em congressos para trabalhadores em odontologia e em aulas para estudantes, encontrando reconhecimento e possibilidades de difusão".

Nova Humanidade O Ecumenismo e a Igreja

Acaba de ser publicado o número 223
da nossa revista de cultura



Depois da publicação dos números sobre Lutero (NU221), e sobre a Economia de Comunhão (NU222), desta vez chegou o momento do tema da Igreja, vista como diálogo ecuménico. O foco do NU223 recolhe, como um anúncio, os frutos do longo trabalho conduzido pelo movimento "Fé e Constituição", do Conselho Ecuménico das Igrejas, para conseguir chegar a uma visão comum de Igreja, entre as várias confissões cristãs. Foi elaborada pela Joan Patricia Back (Pavi) - a nossa especialista em ecumenismo - apresenta um precioso documento inédito: a resposta oficial do Movimento dos Focolares ao convite feito pela CEC, para que se pronuncie sobre os trabalhos que se foram realizando. A nossa contribuição foi assinada pela Emmaus Voce e o Jesús Morán, além de outros especialistas nossos.

Três interessantes ensaios completam este número.

O primeiro é do Cardeal Kurt Loch, presidente do Conselho Pontifício para a Unidade dos

Cristãos, que faz uma leitura do ecumenismo segundo o pontificado de Francisco.

O segundo é do sociólogo Genaro Iorio, que analisa o paradigma emergente da partilha, na era da terceira revolução industrial.

Para finalizar, o economista Anouk Grevin leva-nos à observação da "oferta" como recurso e dimensão do trabalho humano.

O número 223 inicia com um editorial de Alberto Lo Presti, que nos propõe algumas reflexões sobre este Verão, marcado pelos trágicos acontecimentos provocados pelo terrorismo global. As pérolas da espiritualidade da unidade manifestam-se por meio de um ensaio do filósofo Cláudio Guerrieri, acerca do binómio a verdade e o diálogo em Chiara Lubich, assim como um outro esplêndido trecho da "História de Luz" ou seja, da apaixonante e inédita história de Chiara, escrita por Foco.

Chegam à direcção muitos pedidos relacionados com os números anteriores da revista, sobretudo no que diz respeito à "História de Luz" - escrita por Foco. Quanto às assinaturas da revista Nuova Umanità, nas suas várias modalidades, a secretaria da Direcção tem a capacidade para esclarecer qualquer dúvida. Contactar pelo telefone 06.94798313 - com Christina Roth, de segunda a sexta feira, em horário de escritório.

redacção

Paola Squillante

«*Fez brotar rios das pedras*» [Sal 78 (77),16]

A vida da Paola, focolarina da Mariápolis Romana, deixa de herança a frescura da sua doação a Deus, o amor para com todos e a força com que enfrentou a doença: frutos evidentes de uma total adesão ao Evangelho. Uma escolha, a sua, que fez com o intuito, a sensibilidade e a inteligência que a caracterizavam, no desejo de ser uma dádiva para os outros.

Nasceu em Nápoles (Itália). Aos 20 anos conheceu o Movimento e apenas três meses depois escreveu a Chiara: «Antes, nada satisfazia as exigências da minha alma, agora tenho dentro de mim uma alegria que nunca tinha experimentado. Não quero senão amar, e amar Jesus Abandonado, trabalhar para a Sua glória e para o "Que todos sejam um". Se Jesus me chamar a seguir-te na tua estrada, encherá a minha alma de felicidade». Um ano depois, a Paola já estava no focolar. De 1978 a 1983, foi responsável pelo focolar de Génova e pelo de Turim, nos nove anos que se seguiram. Testemunhou e participou no caminho de santidade de alguns gen: o Alberto Michelotti e o Carlo Grisolia, atualmente servos de Deus, e Chiara Luce Badano, beata, a quem seguiu de perto com o timbre característico da comunhão, do fazer-se santos juntos.

Para a Paola seguiram-se anos de experiências fortes de escuridão-luz, de dor-amor, nos quais dá provas de absoluta fidelidade ao Esposo. Em 1994, foi para o Centro da Obra para trabalhar na secretaria de Humanidade Nova. Aqui, destacou-se pela sua capacidade de estabelecer relacionamentos, até com os vizinhos, e pela sua grande generosidade. Muito significativo foi o fervor com o qual, a partir de 2011, se entregou no Departamento que segue as atividades em memória de Chiara Luce Badano.

A sua experiência com a doença, que começou em 2003, foi marcada por várias intervenções cirúrgicas. O corpo foi submetido a uma dura provação, mas a Paola, que agora passou a conviver com o sofrimento, oferecia-o por todos. «Percebi que já não vou ter retorno - confidenciou ao seu



focolar - entrei na chaga de Jesus Abandonado. Já não possuo mais nenhum vínculo a não ser o amor de Deus, que me faz experimentar, de um modo muito seguro, a Sua misericórdia». Tendo-se mudado para a Casa Verde,

muitas pessoas foram visitá-la, entre elas a Eli, a Gis, a Aletta e, no fim de agosto, também a Emmaus, que a encontrou preparada para o encontro com Jesus. No dia 13 de setembro, com 73 anos, com a presença do seu focolar e da sua família, juntou-se ao Esposo da sua alma, na paz plena de quem deu tudo.

Filippo Mazzonetto

Os meus dias estão nas Suas mãos

Natural da região de Pádua (Itália), o Filippo fez a sua formação na Escola dos Padres Cavanis, onde concluiu os estudos de Teologia. Em 1959, numa altura de procura sobre como viver a sua própria vida, alguém o convidou para a Mariápolis de Fiera de Primiero: uma experiência que o levaria à escolha de se dar a Deus, no caminho do focolar. Era professor de profissão e, depois da escola de Loppiano, foi para o focolar de Milão, onde ficou até à idade da reforma. De volta a Loppiano, ensinava italiano aos focolarinos de outros Países e, durante três anos, viveu com um focolarino que sofria de uma deficiência física grave.

Fez um balanço da sua vida: «Com o decorrer dos anos, foram caindo também muitas coisas inúteis, tal como as folhas mortas no outono. Parece-me que estou a ser encaminhado com mais consciência nos caminhos do Senhor. Deus agora comunica comigo de um modo diferente, sem intermediários». E ainda: «Desde há alguns anos começaram as provações de saúde. Há pouco tempo, apareceu-me uma outra doença mais séria, para a



qual a ciência ainda não descobriu a cura. Parece-me que a minha vida está a ir por uma entrada estreita, mas, ao mesmo tempo, sinto que Deus está mais perto de mim e que os meus dias estão nas Suas mãos». Chiara, em 1967, tinha-lhe dado um nome novo: Vis (abreviatura de «Virgo Potens»), e uma Palavra de vida: «A boca do justo falará com sabedoria» [Sal 48 (49),4]. «Este verbo no "futuro" - comentava muitas vezes o Filippo - dá-me muita

Giuseppe (Beppe) Gritti

Sinto-me um perito na misericórdia que recebi

O Beppe nasceu em Bérgamo (Itália) e, quando era ainda muito pequeno, a sua família mudou-se para Sesto San Giovanni (Milão), onde, aos 13 anos, conheceu o Ideal de Chiara. Entregou-se totalmente, de imediato, passando de descoberta em descoberta, com o grande empenho com que se distinguiu. Tornou-se um gen muito convicto, revolucionário. A sua vontade de amar a todos fez com que despertasse também para o relacionamento com o pai, com o qual quase não conseguia conversar. «Sentei-me na cama - contou - e falei-lhe da minha descoberta, finalmente amei-o de verdade: assim como ele era! Naquele amar encontrei a alegria de me sentir filho e ele, perguntando-me coisas sobre o trabalho, a escola, o desporto, os gen, sentia-se pai por inteiro!».

«Yes» era o seu «nome de batalha», um «sim», pronunciado sempre, que o levou à decisão de se dar a Deus na vida de focolar, e que, para Beppe, foi muito intensa, ajudado pela Palavra de Vida que recebeu de Chiara: «O discípulo bem formado será como o Mestre» (Lc 6,40). Tinha muitos talentos: artísticos, empresariais, humanos e espirituais, postos em comum nas várias Zonas onde viveu, especialmente, nos quase 20 anos, em Milão e na América Latina: Venezuela, Argentina, México e Peru. Em 1994, escreveu a Chiara: «Trabalho na Editora Cidade Nova já há mais de 20 anos. A unidade com o Esposo e a comunhão com os focolarinos realizaram-me, protegeram-me e impulsionaram-me!



esperança de que, mais tarde ou mais cedo, alguma migalha de sabedoria chegará».

Pela serenidade com que viveu, pelo amor constante para com os seus companheiros de focolar e para com toda a gente, pode-se dizer que o Filippo realmente «falou sabedoria». Partiu para o Céu, serenamente, no dia 29 de agosto, com 84 anos de idade, poucos minutos depois da Missa celebrada no seu quarto.

Quantas experiências sobre a providência! E quanto te senti perto de mim, a percorrer a Lombardia, para levar o Ideal estampado no rosto e impresso no papel!» E num momento de dificuldades escreveu: «... sou um pobretanas, um verdadeiro pecador... Sinto-me um perito na misericórdia que recebi...».

Em 2015, estava no focolar no Peru, onde tinha encontrado trabalho como professor de italiano na Universidade. E foi aí que a doença se manifestou e voltou para a Itália. Com o aparecimento da doença, não faltaram momentos de escuridão, que ultrapassou aumentando a sua confiança em Deus, entregando-se a Ele. No dia 8 de setembro, com uma enorme paz, com 64 anos de idade, o Beppe voou para o Céu, precisamente no dia em que se celebra a natividade de Maria.

Steffanie (Steffi) Maria Schörnig

«Peço a Jesus que Ele tome cada vez mais forma, em mim»



A Steffi foi uma das primeiras focolarinas casadas da ex-RDA (Alemanha de Leste). Depois da segunda guerra mundial, a nova configuração geo-política da Alemanha obrigou-a a deixar a sua terra, a Silésia, e a mudar-se para Leipzig. Com a morte da mãe e do irmão, a perda da casa e, num certo sentido, também da pátria, naquele momento, só podia contar com Deus. Tendo conhecido

o Movimento, juntamente com o namorado, o Winfried, lançou-se a viver o Ideal e, já casados, a pedido da Obra, dão apoio aos focolarinos médicos que foram trabalhar para o hospital católico de Leipzig. Quando se levantou o muro entre as duas Alemanhas, empenharam-se na difusão da espiritualidade da unidade na "cortina de ferro".

A Steffi e o Winfried - que, sendo médico, teve oportunidade de tratar também S. João Paulo II - eram peritos de planeamento natural de fertilidade: puderam, assim, estabelecer muitos contactos e, apesar da família numerosa (tinham seis filhos), assumiram várias responsabilidades na Obra e na Igreja, especialmente no acompanhamento de pessoas sem convicções religiosas. Em 1989, a Steffi conseguiu finalmente frequentar a escola das focolarinas casadas no Centro. «Experimento pela primeira vez - escreveu a Chiara - esta atmosfera que me enche de alegria. E asseguro-te a minha unidade para que a transformação do mundo aconteça... Escolhi Jesus Abandonado». E, em 1996, declarou: «Em cada Santa Missa, peço a Jesus que Ele tome cada vez mais forma em mim, a fim de nos tornarmos mais a "Alma"».

Nos últimos anos, Jesus Abandonado tornou-se um companheiro assíduo para a Steffi. A perda do marido foi muito dolorosa e uma doença reduziu muito a sua mobilidade. Quando já não conseguia pronunciar nenhuma palavra, falavam os seus olhos. A sua confiança em Maria deu-lhe paz até ao fim. No dia 7 de setembro, com 81 anos de idade, foi serenamente ao encontro do Pai.

Carmela Ripà Bogi

O seu sim é generoso e totalitário

Focolarina casada dos primeiros tempos, natural e sempre residente em Pescara, a Carmela chegou à Mariápolis Celeste no dia 15 de setembro, com 94 anos de idade. Professora de profissão, distinguia-se pelo relacionamento com muitos jovens e pais, que encontravam nela a professora, a mãe, a guia. Em 1945, casou-se com o Nicola e a família foi enriquecida por seis filhos.

No encontro com o Ideal, que aconteceu na Mariápolis, em Fiera di Primiero, descobriu

a realidade de Deus Amor e o seu «sim» a Ele foi generoso e totalitário. Desde aquela altura, a Carmela entusiasmou-se sempre com a vocação de se dar a Deus como focolarina casada. «Seguindo-te neste caminho - escreveu a Chiara, em 1960 - sinto que o Senhor me torna, cada vez mais, pronta para ser aquele instrumento que se deixa usar por Ele, momento a momento, de acordo com a Sua vontade. Que a minha vida seja para dar glória a Deus, já nada me satisfaz mais do que isso...». Os filhos e toda a gente que encontrava ficavam atraídos e envolvidos pela nova vida que, juntamente com o Nicola, também ele focolarino casado, transmitia no condomínio, na paróquia, na cidade. Fez da sua casa um ponto de encontro e de irradiação do Ideal. Muitos jovens encontraram nela apoio concreto nos momentos difíceis da época da contestação. Juntamente com o marido, preparava casais de namorados para o matrimónio e ajudava famílias com dificuldades de relacionamento.

Não faltaram as provações que a Carmela viveu numa unidade especial com Jesus Abandonado: problemas de saúde dos filhos, a inesperada perda da netinha Francesca e, mais tarde, do filho Roberto, o pai da menina. Humilde, delicada e sempre no amor, a sua fidelidade foi fecunda e, apesar das dificuldades da vida, tornou-se capaz de manter o sentido da maravilha pelas coisas de Deus e a corrida pelo «Ut omnes».



Rafael (Rafa) Gordillo

«Não concebo a vida, senão segundo o carisma da unidade»

Focolarino casado de Tucumán (Argentina), o Rafa (nome que Chiara lhe deu e que significa «refinar o amor»), partiu para a Mariápolis Celeste, no dia 22 de setembro, com 66 anos de idade.



Logo a seguir ao casamento, do qual nasceram cinco filhos, com a esposa, Lucrecia, conheceu o Movimento e a vida do Rafael mudou totalmente. Escreveu a Chiara: «Posso dizer, com toda a tranquilidade, que não concebo a vida de outro modo a não ser segundo o carisma da Unidade...» e depois de um período como voluntário, em 1994, sentiu a vocação de fazer parte do focolar.

Humilde, amável, pacífico, com um sorriso sempre aberto, com ele toda a gente se sentia bem. O Rafa sabia escutar, estava sempre disponível para compreender, para ajudar e para construir. Era estimado por todos como um profissional honesto, que, com palavras simples, sabia sugerir a proposta mais conveniente. Gostava de ter tudo arrumado e, no último mês de vida, sem saber o que iria acontecer, arrumou todos os documentos de família. Com o aparecimento repentino da doença, que rapidamente se apresentou em toda a sua gravidade, teve muitas dúvidas sobre a operação que lhe foi sugerida, mas depois colocou-se nas mãos dos médicos com tranquilidade. Infelizmente não conseguiu superar o pós-operatório e voltou para a Casa do Pai.

Até ao último momento, o Rafa teve no coração o encontro de lançamento da EdC, que se realizaria em Salta, cidade onde se deslocou várias vezes para seguir de perto todas as situações. Logo que souberam da sua «partida», de Salta, escreveram-nos: «Não conseguimos imaginar Tucumán sem ti. No imenso sofrimento de te termos perdido, pudemos transmitir o projeto de Economia de Comunhão a quase 300 pessoas». A Palavra de Vida que Chiara lhe tinha dado e que sempre o guiou é: «Ele morreu por todos, a fim de que, os que vivem, não vivam mais para si mesmos, mas para Aquele que morreu e ressuscitou por eles» (2Cor 5,15).

Myriam Bassot

Uma forte chamada a dar tudo a Deus

Focolarina casada da França, a Myriam tinha já quatro filhos quando, em 1969, conheceu o Ideal, num momento muito delicado da sua vida matrimonial. «Descobri Maria - escreveu -, a sua grandeza. Senti um forte chamamento a dar tudo a Deus».



A Myriam é recordada como a mulher forte do Evangelho, tenaz, quer no meio das provações da vida de família, quer na doença crónica que, em fases alternadas, a tornava progres-

sivamente dependente dos outros. Em janeiro de 1988, escreveu a Chiara: «Esta doença podia ser para mim um "Herodes", que queria matar Jesus em mim, porque torna tudo difícil e procura desencorajar-me. Mas hoje tenho uma confiança enorme. Tendo desposado Deus, disse e voltei a dizer o meu "sim", abandonando-me totalmente a Ele».

Depois de um encontro em Castel Gandolfo, em 1992, escreveu: «Parto com este propósito: com a ajuda do Espírito Santo, ser nada, um nada de amor para deixar viver Jesus, o Ressuscitado, e para estar na "Alma", isto é, na Unidade. E isto gerará a luz para fazer avançar o "Ut omnes"». Viver com Maria Desolada foi a sua força. Falava dela com simplicidade, com uma evidente convicção. Entretanto, dava um grande contributo a numerosas realidades da Obra: No Centro Mariápolis de St. Pierre de Chartreuse, nos Alpes, ao Ecumenismo, à Cidadela de Amy, perto de Paris, para onde se mudou em 2007. Experimentou também períodos de escuridão, com a perda da memória e dos pontos de referência. A partir de 2016, esteve sempre de cama, mas recuperou a clareza do pensamento. Até ao fim, deu um forte testemunho do Ideal, também às gen3 e gen4 que a foram visitar.

Rodeada pelos quatro filhos, netos e bisnetos, com 84 anos, a Myriam chegou ao Céu, no dia 29 de setembro, com uma paz enorme e consciente até ao fim. A Palavra de Vida, que recebeu de Chiara, em 1975, é: «Tende coragem: Eu venci o mundo!» (Jo 16,33).

p. Fernando Garcia Casco

«O Senhor dirige os seus passos» (Prov. 16, 9)

Sacerdote focolarino de Venado Tuerto (Argentina) conheceu o Movimento

através da revista Cidade Nova, quando seminarista. Participou numa Mariápolis e decidiu imediatamente assumir como sua a espiritualidade da unidade, assim como fazer parte da Obra. Foi Pároco e Professor na sua diocese, dedicando-se depois à prelatura de Deán Funes que nascia, onde, além de outras funções, se ocupou da pastoral juvenil e vocacional. Ele fundamenta a sua missão evangelizadora na ótica do testamento de Jesus: "que todos sejam um".

Foram muitíssimas as pessoas que, graças a ele, encontraram Jesus ou renovaram a sua escola de O seguir.

O P. Fernando soube estabelecer diálogo com os pastores e membros das várias Igrejas. Amava profundamente as focolarinas e focolarinos, admirando a sua vocação. Ele era o irmão para todos, sempre disponível, pronto a arriscar tudo por quem estava perto dele, um verdadeiro "refúgio dos pecadores".

Ao acompanhar o pai de uma focolarina na última fase da vida, conseguiu que, aos 76 anos, ele fizesse a primeira comunhão.

É significativa a expressão de um focolarino: "O P. Fernando era um pai para quem procurava conforto, um incansável construtor de relacionamentos, um pastor que sabia dar esperança e oferecer a visão de Deus. Durante os meus muitos anos na Argentina, sempre o vi a dar-se e a procurar os marginais...tanto entre o clero, como entre o povo. Por isso, por ele, todos se sentiam aceites e bem-vindos". O P. Fernando voltou para a casa do Pai, aos 73 anos, no dia 28 de setembro.

p. Gustavo de Fina

Renato Romersi

« *O vosso Pai que está nos céus, sabe do que necessitais* » (Mt 6, 8)

Homem de muitas profissões (bombeiro, condutor de comboios, controlador, mensageiro, cobrador...) foi promotor e até dirigente em associações desportivas e da igreja, sempre disponível para carregar o problema dos outros

até descobrir as soluções.

O Renato nasceu em Piacenza (Itália), em 1933.- Na escola nocturna concluiu o diploma de auxiliar de administração. Quanto tinha 31 anos, participou na sua primeira Mariápolis e, cheio de entusiasmo, decidiu dedicar todas as suas energias ao Ideal. Casou com Vania, e a casa deles torna-se o espaço de hospitalidade para quem tem necessidades materiais e para muitos dos que aspiraram a uma profundidade espiritual.

Nasceram quatro filhos.

Membro dos voluntários de Deus, bem cedo torna-se seu delegado regional. Devido ao seu compromisso religioso, civil e social ele é, na sua cidade, e não só nela, a pessoa de referência para a Obra. Em 1970, foi eleito para o Conselho Municipal e, durante 10 anos, revela a capacidade de fazer equipa e, ao mesmo tempo, de dizer sempre a verdade, mesmo quando era incómoda.

Ativo na sua paróquia, era membro do Conselho pastoral e, com a sua mulher, animador dos cursos de preparação para o matrimónio. Quando se reformou, dedicou-se, durante quase 20 anos, à difusão da editora Città Nuova. Ele é um dos sócios fundadores do Centro Igino Giordani, de Piacenza.

Em 2006, adoeceu e parecia que os tratamentos o tinham curado. Passados 9 anos, a doença reaparece e o Renato enfrenta-a com uma serenidade fora do comum.

Diz: "Para os outros este sofrimento é só dor, para mim ele serve para fazer crescer a relação com Deus, para mim é Paraíso". Esse Paraíso, que ele alcançou no dia 3 de maio, deixando como herança as suas últimas palavras: "Amor, Amor, Amor", emblema e síntese da sua vida espiritual e humana.

Silvio Berti

Gilda Victoria A. Dannug

Modelo em viver a comunhão

Voluntária da cidadela Pace, de Tagaytay (Filipinas), casada com Macdain, também voluntário,



mãe de quatro filhos, a Gilda, em 1994 deu início à sua colaboração com o SINAG - uma associação a favor dos doentes sem recursos, hospitalizados nas instituições do governo. Ela desenvolveu este serviço distinguindo-se pela generosidade e talento, mas, passado algum tempo, por causa da sua saúde, teve que se limitar a trabalhar na secretaria.

Em 2001, transferiu-se de Manila para a cidadela, onde, devido ao clima mais fresco, pôde melhorar a sua condição de saúde. Mas, na cidadela, está sozinha (pois o marido continuou a trabalhar em Manila) e teve que pedir colaboradoras para a ajudar em casa, por turnos. Para ela foi uma oportunidade para as ajudar a crescer na vida de oração e dos sacramentos, sendo um testemunho de autêntica vida cristã.

Certo dia um vizinho, à meia noite, toca-lhe à porta. Devido a uma situação de emergência, precisava de uma grande quantia de dinheiro. A Gilda, sem hesitar, empresta-lhe o que ele pediu.

Nos últimos dois anos, como a sua saúde piorou, voltou para Manila, para estar perto do marido e dos filhos, continuando a ser um modelo no viver a comunhão dos bens com o seu núcleo, metendo no envelope, juntamente com o seu contributo, as suas experiências concretas. Conta, por exemplo, a vez em que ela pede a uma vizinha para fazer a comida para uma das voluntárias, que estava doente, que ela depois lhe pagaria.

Ao saber da sua hospitalização, cinco das voluntárias da cidadela e um sacerdote vão imediatamente visitá-la. A Gilda estava nos cuidados intensivos, e pediu a unção dos enfermos. Com o rosto iluminado pela alegria especial que experimentava, oferece tudo pela Obra e pelo "que todos sejam um". Poucos dias depois, a 4 de março, com 73 anos, Deus chama-a para si.

Pilarita Geronimo

Alba Franchi Galluzzo

«Sim, sempre, imediatamente, com alegria»

Nasceu e viveu em Prato (Itália), depois de anos de vida gen, em 1991, torna-se uma

voluntária. Casou com o Giulio, que, com ternura, amaria até ao final.

Trabalhava com a mãe, que tinha aderido ao movimento, na gestão de uma loja de roupa, com a consciência que, antes de mais, a sua função é "ter Jesus no meio com ela e amar todos os que entram na loja".

Sendo uma pessoa de carácter reservado, mas transparente, todos se sentem aceites e amados pela Alba. Nunca dizia uma palavra inoportuna, não fazia um juízo, sempre cuidadosa em realçar os aspectos positivos dos outros.

Quando a doença chegou, ela escreveu: "É o encontro com Jesus abandonado feito pessoa, o esposo da alma". Tinha confiança em Deus, procurando aligeirar as preocupações de quem estava perto dela. Após uma noite de dores fortes ela escreveu: "Sinto-me privilegiada. Quero gastar a minha vida por Deus, para que se realize na Terra aquilo a que também eu fui chamada: "Que todos sejam um".

Dois dias antes da sua "partida", que foi dia 29 de maio, na véspera de completar 54 anos, ela participou na missa da comunidade. Estava bem, ninguém pensava que as suas condições de saúde se precipitassem. No coração de todos deixou um alegre testemunho de uma alma que realmente acreditou em Deus Amor.

Gabriella Petrini



Juliano Silveira

Um amigo e um irmão

Juliano, voluntário da "região" do Paraná (Brasil), no dia 22 de fevereiro, concluiu a santa viagem. Tinha acabado de fazer só 50 anos. Casado com a Tania, viviam em Cascavel, com os dois filhos - Juliano e Rafael. Encarou, abandonando-se nos braços de Maria,



os dois anos da doença com muita coragem e ânimo.

Em novembro de 2015, no seu último retiro, ele comunica aos companheiros de núcleo: " Eu vivo dia a dia, oferecendo tudo, com alegria, pela Obra. Não tenho medo de morrer porque acredito na ressurreição".

Desde há tempos os encontros de núcleo faziam-se, no domingo de manhã, no seu escritório de engenharia, para lhe dar a possibilidade de experimentar a graça de Jesus no meio, até ao final.

Os testemunhos a seu respeito falam de um amigo, de um irmão, que sabia "construir a família" com todos, falam de um homem com uma grande alma, simples, generosa, totalmente impregnado pelo perfume do Ideal.

Marcelo Tenorio e os voluntários da região do Paraná

Nevio Del Zotto

Para além de qualquer barreira

Um sorriso e uma brincadeira, é esta a saudação típica do Nevio, um voluntário de Deus com a alma da criança evangélica. Durante a década de 70, depois de ter conhecido o ideal, ele foi como técnico ENI para os campos petrolíferos de África e do Médio Oriente, preocupado não tanto pelo facto de ter que viver no deserto, ou em pleno oceano, mas por já não ter contactos com aquelas pessoas da Obra que tanto o ajudavam na vida espiritual. Foi grande a sua alegria quando, numa das suas viagens, ele se encontra com o Giando Catarinella, um médico focolarino. A partir dali começa a mudar os planos das suas permanências, para conseguir encontrar-se com ele periodicamente.

Este encontros tiveram uma influência determinante na maneira como Nevio viveria os anos seguintes, pelo mundo fora. Dão-lhe a certeza de que, onde quer que fosse, nunca mais estaria sozinho...talvez até isolado, mas nunca mais só, no esforço por viver o Evangelho.

O seu tentar sempre amar a todos, leva-o a ultrapassar todas as barreiras: o chefe é um irmão para ser amado, tal como o mais humilde dos empregados, fosse de que raça, cultura e religião

fosse. Nevio encontrou-se também com o mons. Martinelli, bispo de Trípoli e um grande amigo do Movimento que, ao intuir o quanto ele gostaria de poder receber Jesus eucaristia todos os dias, lhe confia a custódia de uma píxide com partículas consagradas. Nevio, com emoção, nunca esquecerá esta confiança que o bispo lhe concedeu e a possibilidade de, até em pleno deserto, manter na sua habitação a presença viva de Jesus.

Os últimos anos de Nevio foram dedicados à sua família e ao serviço dos doentes, como voluntário hospitalar, em São Donato Milanese (Italia). No dia 9 de maio, aos 80 anos, partiu para o Paraíso.

Paolo Mottironi



Os nossos parentes

Passaram para a Outra vida: **Emílio, pai da Ana Domingos**, focolarina no focolar do Porto (Portugal); **Paul, pai de Ruth Mburu**, focolarina em Onitsha (Nigéria); **Nina, mãe de Francesco Lazzoni**, focolarino na Mariápolis Romana e de p. **Giovanni Mannini**, religioso em Chiavari (Italia); **Dora, mãe de Edevaldo Santini**, focolarino em Bauru (Brasil); **Armando, pai de Cesare Cesarini**, focolarino em Palermo; **Antonina, mãe de Francesco Curella**, focolarino em Ancona; **Annick, mãe de Therese Clayette**, focolarina em Nantes (França); **Becky, irmã de Melinda Michels**, focolarina na Mariápolis Romana; **Eraldo, irmão de Solam Burgos da Silva**, focolarina em Arequipa (Perù); **Antonio Luiz, pai de Solange Sabin (Sole)**, focolarina em Belém (Terra Santa); **Gabriella, mãe de Roberta Alvino**, focolarina em Valência (Espanha); **Maria Luisa, mãe de Anabel Santaolla**, focolarina no Centro Mariápolis Luminosa (Espanha); **Raffaele, irmão de Teresa Cifaldi**, focolarina em Verona (Itália); **Francesco, pai de Gianmario Maddalena**, focolarino na Mariápolis Romana.

Deste sempre tudo. Obrigado, São!

A São Maia, focolarina casada da Cidadela e conhecida por todos, da família da Obra deixou-nos repentinamente.

A Emmaus mandou esta mensagem à Obra no mundo inteiro:

Maria da Conceição de Araújo Maia, focolarina casada de Portugal chegou à Mariápolis Celeste no dia 11 de novembro passado. Veio a Castel Gandolfo para participar no encontro de "Juntos pela Europa", e, de repente, sofreu um enfarte. Tinha 57 anos. Assim foi descrita pela sua responsável de zona: "A São era uma grande conselheira, uma grande irmã, uma

grande focolarina casada. Nunca se poupou, deu sempre tudo e foi esta a herança que nos deixou". Mãe de 6 filhos, formou, com o José Maia, uma lindíssima Família-Focular, aberta à Obra e à humanidade. Desde 2002, transferiram-se para a Cidadela

Arco-íris para contribuir, concretamente, na sua construção e, há uma semana, estavam na primeira fila a festejar o 50º aniversário do Ideal em Portugal. A partida da São aqui no Centro e o comovido adeus que a Mariápolis Romana lhe deu, juntamente com os seus familiares, na capela onde repousam Chiara, Chiaretto e Foco, parecem-nos uma confirmação e um sinal do amor de Deus para com uma focolarina-Obra e uma família-Obra.



Anexo algumas frases daquilo que os filhos disseram na Missa do funeral, na Cidadela Arco-íris. Permanecemos unidos em oração pela São, na certeza de que agora, na alegria do Paraíso, ela, como nunca, ajuda a família e a todos nós a viver com coragem para o «*Que todos sejam um*»..

Texto preparado e lido pelos filhos na Missa do Funeral:

Gostaríamos de partilhar convosco um pouco daquilo que conhecemos da nossa mãe.

Uma mãe que estes dias, com todas as mensagens que recebemos e com todo o amor concreto que nos chegou, percebemos que era mais do que só nossa mãe...

Ela era a mais velha de sete irmãs.

Ainda jovem, conta que descobriu que Deus a amava imensamente e como sentia o calor do seu amor. Cresceu com a exigência de encontrar

A São com o Zé, a tia do Zé e os 3 filhos mais novos (da direita): Maria, António e Paulo.



amigos verdadeiros e pedia a Deus que os fizesse encontrar. Assim, mesmo no pós 25 de Abril, pôs de lado tantas ideias e tantos ideais que percebeu não serem aqueles que queria. Encontrou na Igreja e no movimento dos focolares, aqueles amigos que procurava e um ideal mais revolucionário que qualquer outro: o Evangelho vivido em cada momento do dia.



Em 1980, a nossa mãe escreveu: «*Senti que tinha que escolher Deus de uma maneira fortíssima: transformar toda a minha vida no Amor de Deus, todo o relacionamento entre mim e o mundo, entre mim e as outras pessoas. Eu sei que, em Deus, encontrarei a graça para perceber, a cada momento, qual é a Sua vontade.*»

Em 1981 casou com o nosso pai, em Braga, e nessa ocasião escreveram uma carta a Chiara: «*Foste tu (Chiara) quem nos fez entender que matrimónio significa abertura, realização do projeto que Deus tem sobre nós. Faremos todos os nossos esforços para que a família e o mundo sejam como deveriam ser.*»

Foi esse o motivo que os levou, em 1989, já com 3 filhos, a mudarem-se de Braga para Lisboa para levar para a frente a realidade das Famílias, dentro do Movimento dos Focolares. Deixaram pais, amigos, trabalho, casa.

Neste período, escreveu: «*Para mim começa uma nova etapa! Enraizada na vida da Palavra (do Evangelho), com a intensidade dos primeiros tempos, na vida cada vez mais perfeita, tanto no focolar como na*

família, no total vazio de mim repleto do amor, eu vivo para que, apesar de tudo, o mundo continue a caminhar em direção ao 'que todos sejam um'.»

A escolha dos nossos pais de viverem o Evangelho em cada momento, levava-os a incluírem-nos em muitas das suas decisões. Até na decisão de se mudarem de cidade quiseram envolver-nos, mesmo se éramos pequenos. Lembro-me perfeitamente de nos perguntarem: “Querem ir viver para uma cidade ao pé do mar?”. Como recusar

uma proposta destas... Sempre sentimos que a ida para Lisboa tinha sido também uma decisão nossa.

2002 foi marcado por um novo desafio. Estava a nascer a cidadela Arco-íris. Numa noite, estávamos todos sentados a jantar em casa, lembrando a experiência da mudança dos nossos pais para Lisboa, para construir esta realidade das famílias, um de nós disse, em jeito de brincadeira e de desafio: “Então, mas se está a ser construída a cidadela, devíamos ir todos para lá”.



2012. Com a Emmaus, na Cidadela Arco-íris

MARIÁPOLIS NOTICIÁRIO INTERNO DO MOVIMENTOS DOS FOCOLARES

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Outubro e novembro de 2016 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-íris • Rua Senhora da Graça, 60 • 2580-042 ABRIGADA • Tel.: 263 799 995** • Diretora: Filomena Viegas • Tiragem: 350 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a) .



A São e o Zé durante um encontro de famílias, na Holanda.

No final daquele ano estávamos a mudar-nos para a cidadela, para uma casa minúscula, onde mal cabíamos os 8. De novo os nossos pais deixavam casa, amigos, trabalho, estabilidade, para recomeçar do zero.

Recordamos todos, com imensa alegria, aquele período, onde podíamos "Sentir" o Paraíso aqui na Terra.

Este estilo de vida era visível nas escolhas quotidianas da nossa mãe.

Quando estava grávida do 5º filho, o Paulo, sentiu que a sociedade não percebia nem via com bons olhos uma família com tantos filhos. Sofreu com isso, mas confidenciava a alegria e a graça de poder ter mais um filho, o que lhe dava uma grande paz.

Quando havia discussões em casa, entre os filhos, era sempre a nossa mãe que vinha falar com cada um. Acalmava-nos e salientava sempre o positivo do outro, com aquele coração aberto que ouvia tudo até ao fim, que acolhia os nossos sofrimentos, as nossas dúvidas, angústias e incertezas.

Chiara deu-lhe uma frase do evangelho como Palavra de Vida: «Ele deve crescer e eu diminuir» (Jo 3,30). E a carta dizia ainda: "Imitando



Jesus Abandonado no seu anulamento por amor, permitir-lhe-ás que faça de ti uma pequena Maria, que abraça todos conduzindo-os à unidade."

Terminamos com uma oração escrita, num pequeno caderno, pela nossa mãe:

«Jesus, se não somos, ajuda-nos a ser a família que tu pensaste. Dá-me a Graça de superar estas dificuldades com sabedoria, com engenho, com inteligência e com bondade. Ajuda-me a ver tudo com a Tua luz. Maria olha bem por nós.»

O funeral, depois do corpo ter vindo de Roma, foi na Cidadela, no dia 15, com a presença de muitos da Obra, mas também dos seus colegas e alunos. A São era professora de Matemática na Escola de Alenquer. E essa função, que ela exercia com muito profissionalismo, era uma oportunidade para ajudar muitos jovens com dificuldades em matemática.

Também muitos membros de outros movimentos, que com ela trabalharam no "Juntos pela Europa", quiseram estar presentes nesta homenagem à São.

Durante todo este ano, ela trabalhou muito na celebração dos 50 anos, nomeadamente nas várias sessões do "Pensar Portugal atual", com convidados ilustres (entre os quais o professor Marcelo Rebelo de Sousa), e com muito sucesso.

Temos a certeza que a São vai continuar a trabalhar, de outra forma, para a sua família e toda a Obra, nos vários setores, até "Que todos sejam um".

